

Em quarentena total, mulheres não conseguem denunciar violência doméstica na Itália

Pedidos de ajuda caíram pela metade na comparação com o mesmo período do ano passado

[\(Folha de S.Paulo, 27/03/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Desde o dia 9 de março, quando o [governo italiano impôs a quarentena total](#) para todo o país em uma tentativa [de frear a difusão do coronavírus](#), uma situação tem chamado a atenção de quem trabalha [no combate à violência doméstica](#): os telefones que recebem ligações de mulheres agredidas ficaram mais silenciosos.

Nas últimas semanas, as chamadas caíram pela metade na comparação com o mesmo período do ano passado.

“Isso nos preocupou muito porque estamos convencidas, pela experiência de mais de 30 anos acompanhando as mulheres na Itália, de que isso não significa que não esteja havendo violência”, afirmou Antonella Veltri, presidente da ONG Donne in Rete, uma das mais importantes organizações que atuam no combate à violência contra a mulher no país.

“O problema é que as mulheres não estão conseguindo fazer as ligações”, disse à **Folha** nesta sexta (27).

“Por causa da quarentena, as vítimas de violência estão obrigadas a uma convivência forçada com companheiros violentos. Elas não conseguem ligar porque a presença em casa do agressor levou a um maior controle deles sobre as mulheres.”

Depois de identificarem a questão, essa e outras ONGs, governos e meios de comunicação se uniram para lançar campanhas em que anunciam que os centros antiviolência continuam abertos e reforçam os números de contato.

“Na nossa campanha sugerimos às mulheres algumas estratégias para que consigam ligar e pedir ajuda. Por exemplo: se fechar no banheiro, sair para levar o lixo, comprar cigarro ou ir ao mercado, telefonar e depois apagar o histórico de chamadas feitas”, diz Veltri, que coordena uma rede de 109 centros antiviolência e 92 casas de abrigo para mulheres.

Com a campanha lançada nesta semana nas redes sociais e na TV, as denúncias por telefone, segundo ela, começaram a voltar.

Em outra campanha, personalidades italianas, como a atriz Paola Cortellesi, encoraja as possíveis vítimas a procurarem ajuda. “Precisamos estar em casa. Mas se a casa é, para vocês e para os seus filhos, só um lugar de violência e medo, podem pedir ajuda”, diz.

A peça, que também está sendo veiculada na TV italiana, reforça o número do telefone “rosa” nacional e divulga um aplicativo em que é possível pedir socorro por chat.

“Não cansamos de dizer: para as mulheres que, nestes dias de isolamento, sofrem violência em casa, há o número 1522 e também o aplicativo, 24 horas por dia”, disse Elena Bonetti, ministra da Igualdade e da Família.

Na Itália, uma mulher é morta a cada três dias, com taxas crescentes nas últimas décadas. Em 1990, 11% dos assassinatos no país tinham vítimas femininas. Em 2018, o percentual foi de 38,6%

Segundo dados divulgados no início deste mês, foram 133 vítimas de feminicídio em 2018 —os números mais recentes do Instituto Nacional de Estatística (Istat). E, em 80% dos casos, a vítima conhecia o seu assassino.

Se em mais da metade das situações, o matador é um companheiro ou ex-companheiro, em outros 25%, ele é um parente. Nos últimos dias, casos dos dois tipos apareceram nos jornais italianos.

Em Pádua, uma mulher de 48 anos foi agredida com um martelo pelo marido durante uma discussão e, após denúncia feita pelos vizinhos, foi socorrida pelo serviço de emergência.

Em Roma, outra, de 46 anos, morreu decapitada pelo filho de 20 anos, com sinais de problemas psiquiátricos. Ambos teriam sido consequência de situações agravadas pela convivência forçada da quarentena.

Além da experiência com a realidade italiana, outro dado chama a atenção da ONG Donne in Rete: o que tem acontecido na China, onde o vírus começou a circular no fim do ano passado e, [agora, a quarentena tem sido relaxada](#).

Segundo dados divulgados pelo jornal China Daily, na província de Hubei, onde fica Wuhan, em fevereiro foram recebidas 175 denúncias de violência doméstica, um crescimento de 260% em relação ao mesmo mês do ano passado. Em várias cidades, os pedidos de divórcio congestionam os serviços de registros civis.

Nesta quinta (26), o Ministério do Interior italiano divulgou que, entre 1º e 22 de março, os crimes caíram 64% em todo o país, puxados pela queda dos delitos ligados à presença de pessoas nas ruas —prostituição, violência sexual, roubos e assaltos.

Os dados também mostram que os crimes domésticos diminuíram 43% no período. Mas é unânime entre especialistas que o número não reflete a realidade. As denúncias feitas nas delegacias de polícia também caíram pela metade desde o início da quarentena.

Antonella Veltri não tem dúvida: “Quando essa situação terminar, haverá um boom de pedidos de ajuda das mulheres que estiveram impedidas pela quarentena. Assim como costuma acontecer depois do período de festas de fim ano, quando a convivência com agressores também aumenta.”

Por Michele Oliveira, de Milão